

Os novos objetivos do Planalto

por Cláudia Safatle
de Brasília

O presidente José Sarney deseja editar uma reforma monetária semelhante ao Plano Cruzado nos moldes preconizados pelos economistas Péricio Arida e André Lara Resende, que passa pela introdução de uma nova moeda e total indexação da economia. Segundo fontes do Palácio do Planalto, os contatos que o presidente da República manteve com os dois economistas, acompanhado de seu novo assessor "informal", o ex-diretor da Caixa Econômica Federal, Miguel Athel, (que já dispõe até mesmo de uma sala no palácio), teriam entusiasmando o presidente, que viu na reedição de um novo plano, a possibilidade de retorno aos bons índices de popularidade e apoio político capazes de influir na decisão da Assembleia Constituinte de fixar o prazo de seu mandato.

Na versão de assessores do presidente, o novo plano estaria em fase de conclusão, podendo mesmo ser divulgado na próxima semana. "Qualquer que seja o plano, tem de resolver a equação salário-preço, controlar o déficit do setor público e direcionar uma política coerente de juros e câmbio", observou um assessor do Palácio do Planalto, que sublinhou como uma das principais reclamações dos empresários, na reunião que tiveram com o presidente Sarney, no último sábado, a valorização do cruzado em relação ao dólar. Haveria uma defasagem em torno de 28%.

Para retomar os princípios do Plano Cruzado, sem as mazelas do congelamento de preços gene-

ralizado, como foi feito, os assessores do presidente buscam na experiência da Hungria um exemplo de retomada dos desdobramentos de uma reforma monetária que, em sua primeira etapa, foi malsucedida.

"A Hungria fez uma reforma monetária que resultou no retorno de uma hiperinflação, principalmente porque não cortaram o déficit público. Na segunda vez, a política contra o déficit fiscal foi bastante dura", lembrou uma fonte, ressaltando que a partir daí o governo húngaro obteve sucesso. Seria, portanto, nessa segunda rodada que o governo do presidente Sarney passaria a tesouraria nos subsídios, para reduzir as pressões sobre o déficit público.

Esta é a informação que corre no Palácio do Planalto. O Plano dos dois economistas, Arida e Resende, estaria sendo feito à revelia do Ministério da Fazenda e estimulado por alguns importantes colaboradores do presidente. No Ministério da Fazenda, porém, a interpretação é outra: os dois economistas não estariam elaborando plano algum. Prova disso é que estavam viajando para o exterior nos últimos dias — ambos compareceram a um seminário em Boston e em seguida, Lara Resende seguiu para Londres, enquanto Péricio Arida foi descansar no Mato Grosso.

Os técnicos do Ministério da Fazenda estão elaborando um plano para a economia brasileira a médio prazo, que servirá de base para a negociação do País com os banqueiros internacionais e Banco Mundial, no qual descreve as possibilidades de investimentos

e as necessidades de financiamento para os próximos quatro anos. Informações de fonte qualificada do Ministério da Fazenda garantem que os assessores de Funaro não planejam uma política de impacto para o curto prazo. Não existiriam, na ótica da Fazenda, dois grupos — um do Ministério da Fazenda e outro escolhido pelo presidente Sarney — trabalhando em planos semelhantes para serem "checados conjuntamente", conforme declarou a este jornal um auxiliar do presidente da República, que inclusive marcou para a semana que vem a data para lançamento dessa nova reforma monetária.

Ontem, durante a posse do novo ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, o presidente Sarney foi abordado pelos jornalistas que indagaram sobre a demissão do ministro da Fazenda. "Não recebi nenhuma

carta de demissão", respondeu o presidente.

Recentemente, o presidente Sarney comentou que as políticas econômicas do governo são as políticas econômicas pensadas e executadas pelo PMDB. "Se a política econômica do PMDB der com os burros n'água, o presidente vai cobrar isso do PMDB", comentou uma fonte do Palácio do Planalto, observando que não há desentendimento entre o presidente da República e o ministro da Fazenda, mas "sim entre o ministro da Fazenda e o PMDB" e concluiu: "Agora não há mais nada atrapalhando o PMDB a implementar suas políticas". Pois o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e o ministro do Planejamento João Sayad, foram retirados do caminho. Os assessores de Funaro entendem, porém, que todas essas especulações têm o objetivo de "desestabilizar" o ministro Funaro.